

PROPOSTA 03

2292.
367

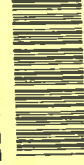
Obra Completa
de

Cesário Verde

Joel Serrão
Estudou e Organizou



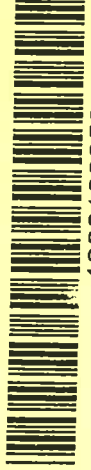
SBD-FFLCH-USP



142165

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE

Obra completa de Cesário Verde /



1300100250

869.169
V592o
6 ed.



7.3. / *Prob Pudor!*

Todas as noites ela me cingia
Nos braços, com brandura gasalhosa;
Todas as noites eu adormecia,
Sentindo-a desleixada e languorosa.

5 Todas as noites uma fantasia
Lhe emanava da fronte imaginosa;
Todas as noites tinha uma mania
Aquele concepção vertiginosa.

Agora, há quase um mês, modernamente,
Ela tinha um furor dos mais soturnos,
Furor original, impertinente ...

10 Todas as noites ela, oh! sordidez!
Descalçava-me as botas, os coturnos,
E fazia-me cócegas nos pés ...

Lisboa.

Porto, *Diário da Tarde*, 22 de Janeiro de 1874.

7.4. / *Manias*

O mundo é velha cena ensanguentada,
Coberta de remendos, picaresca;
A vida é chula farsa assobiada,
Ou selvagem tragédia romanesca.

5 Eu sei um bom rapaz, — hoje uma ossada —,
Que amava certa dama pedantesca,
Perversíssima, esqualida e chagada,
Mas cheia de jactância quixotesca.

Aos domingos a deia já rugosa,
10 Concedia-lhe o braço, com preguiça,
E o dengue, em atitude receosa,

Na sugestão canina mais submissa,
Levava na tremente mão nervosa,
O livro com que a amante ia ouvir missa!

Lisboa.

Porto, *Diário da Tarde*, 23 de Janeiro de 1874.

Ei-lá! Como vai bela! Os esplendores
Do líbrico Versailles do Rei-Sol
Aumenta-os com retoques sedutores.
É como o refulgir dum arrebol
5 Em sedas multicores.

Deita-se com languor no azul celeste
Do seu *landau* forrado de cetim;
E os seus negros corcéis, que a espuma veste,
Sobem a trote a rua do Alecrim,
10 Velozes como a peste.

É fidalga e soberba. As incensadas
Dubarry, Montespan e Maintenon
Se a vissem ficariam ofuscadas.
Tem a altivez magnética e o bom tom
15 Das cortes depravadas.

É clara como os *pôs à marechala*.
E as mãos, que o *Jock Club* embalsamou,
Entre peles de tigres as regala;
De tigres que por ela apunhalou,
20 Um amante, em Bengala. -

É ducalmente esplêndida! A carruagem
Vai agora subindo devagar;
Ela, no brilhantismo da equipagem,
Ela, de olhos cerrados, a cismar
25 Atrai como a voragem!

Os laçaios vão firmes na almofada;
E a doce brisa dá-lhes de través
Nas capas de borracha esbranquiçada,
Nos chapéus com roseta, e nas librés
30 De forma aprimorada.

E eu vou acompanhando-a, corcovado,
No *trottoir*, como um doido, em convulsões,
Febril, de colarinho amarrado,
Desejando o lugar dos seus truões,
5 Sinistro e mal trajado.

E daria, contente e voluntário,
A minha independência e o meu porvir,
Para ser, eu poeta solitário,
Para ser, ó princesa sem sorrir,
10 Teu pobre trintanário.

E aos almoços magníficos do Mata
Preferiria ir, fardado, aí,
Ostentando galões de velha prata,
E de costas voltadas para ti,
15 Formosa aristocrata!

Lisboa.

Lisboa, *Diário de Notícias*, 22 de Março de 1874.

23. / Num Bairro Moderno

A Manuel Ribeiro

Dez horas da manhã; os transparentes
Matizam uma casa apalaçada;
Pelos jardins estancam-se as nascentes,
E fere a vista, com brancuras quentes,
5 A larga rua macadamizada.

Rez-de-chaussée repousam sossegados,
Abriram-se, nalguns, as persianas,
E dum ou doutro, em quartos estucados,
Ou entre a rama dos papéis pintados,
10 Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Como é saudável ter o seu concheço,
E a sua vida fácil! Eu descia,
Sem muita pressa, para o meu emprego,
Aonde agora quase sempre chego
15 Com as tonturas duma apoplexia.

E rota, pequenina, azafamada,
Notei de costas uma rapariga,
Que no xadrez marmóreo duma escada,
Como um retalho de horta aglomerada,
20 Pousara, ajoelhando, a sua giga.

E eu, apesar do sol, examinei-a:
Pôs-se de pé; ressoam-lhe os tamancos;
E abre-se-lhe o algodão azul da meia,
Se ela se curva, esgadelhada, feia,
25 E pendurando os seus bracinhos brancos.

Na edição de Silva Pinto:

3 *Pelos jardins estancam-se os nascentes*,
que, aliás, repete a primitiva publicação.

Na 3.ª edição de *O Livro*, o verso é o seguinte:

6 *Pelos jardins estancam-se os nascentes*,
Rez-de-chaussée repousam sossegados,

Do patamar responde-lhe um criado:
«Se te convém, despacha; não converses.
Eu não dou mais.» E muito descansado,
Atira um cobre ignóbil, oxidado,
5 Que vem bater nas faces duns alperces.

Subitamente, — que visão de artista! —
Se eu transformasse os simples vegetais,
À luz do sol, o intenso colorista,
Num ser humano que se mova e exista
10 Cheio de belas proporções carnaís?!
Bóiam aromas, fumos de cozinha;

Com o cabaz às costas, e vergando,
Sobem padeiros, claros de farinha;
E às portas, uma ou outra campainha
15 Toca, frenética, de vez em quando.

E eu recompunha, por anatomia,
Um novo corpo orgânico, aos bocados.
Achava os tons e as formas. Descobria
Uma cabeça numa melancia,
20 E nuns repolhos seios injectados.

As azeitonas, que nos dão o azeite,
Negras e unidas, entre verdes folhos,
São tranças dum cabelo que se ajcrite;
E os nabos — ossos nus, da cor do leite,
25 E os cachos de uvas — os rosários de olhos.

Há colos, ombros, bocas, um semblante
Nas posições de certos frutos. E entre
As hortaliças, tímido, fragrante,
Como de alguém que tudo aquilo jante,
5 Surge um melão, que me lembrou um ventre.

E, como um feto, enfim, que se dilate,
Vi nos legumes carnes tentadoras,
Sangue na ginja vívida, escarlata,
Bons corações pulsando no tomate
10 E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.

O sol dourava o céu. E a regateira,
Como vendera a sua fresca alface
E dera o ramo de hortelã que cheira,
Voltando-se, gritou-me, prazenteira:
15 «Não passa mais ninguém! ... Se me ajudasse?! ...»

Eu acerquei-me dela, sem desprezo;
E, pelas duas asas a quebrar,
Nós levantámos todo aquele peso
Que ao chão de pedra resistia preso,
20 Com um enorme esforço muscular.

«Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!»
E recebi, naquela despedida,
As forças, a alegria, a plenitude,
Que brotam dum excesso de virtude
25 Ou duma digestão desconhecida.

Na edição de Silva Pinto:

8 *Sangue na ginja vívida, escarlata,*

A emenda de *vívida* para *vívida*, de Cabral do Nascimento, é pertinente.

14 *Voltando-se, gritou-me prazenteira:*

E enquanto sigo para o lado oposto,
E ao longe rodam umas carruagens,
A pobre afasta-se, ao calor de agosto,
Descolorida nas maçãs do rosto,
5 E sem quadris na saia de ramagens.

Um pequerrucho rega a trepadeira
Duma janela azul; e, com o ralo
Do regador, parece que joeira
Ou que borrija estrelas; e a poeira
10 Que eleva nuvens alvas a incensá-lo.

Chegam do gigo emanações sadias,
Oíço um canário — que infantil chilrada! —
Lidam ménages entre as gelosias,
E o sol estende, pelas frontarias,
15 Seus raios de laranja destilada.

E pitoresca e audaz, na sua chita,
O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,
Duma desgraça alegre que me incita,
Ela apregoa, magra, enfezadita,
20 As suas couves repolhudas, largas.

E, como as grossas pernas dum gigante,
Sem tronco, mas atléticas, inteiras,
Carregam sobre a pobre caminhante,
Sobre a verdura rústica, abundante,
25 Duas frugais abóboras carneiras.

Lisboa, Verão de 1877.

Lisboa, *Brinde aos Senhores Assinantes do Diário de Notícias*
em 1877. Publicado, portanto, em 1878.

Na edição de Silva Pinto:

21 *E como as grossas pernas dum gigante,*

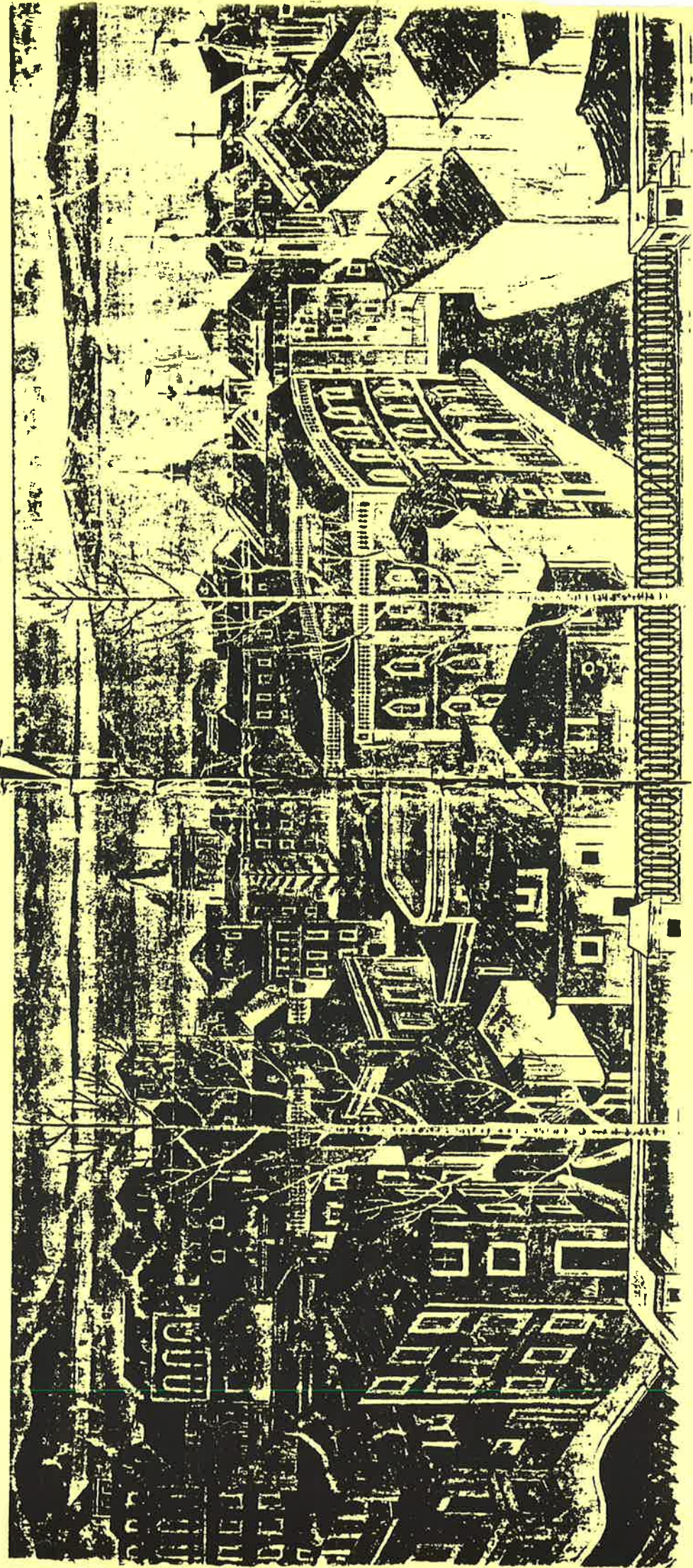
Fundação Calouste Gulbenkian

SERVIÇO DE BIBLIOTECAS ITINERANTES E FIXAS

Boletim Cultural

VI SÉRIE — N.º 7 — Julho de 1986

CESÁRIO VERDE



por exemplo, estes trechos extrahidos da carta escrita por Cesário Verde ao seu amigo Conde de Monsaraz no dia 29 de Agosto de 1880. E com que coração colérico!

«Ah! Quanto eu ia indisposto contra tudo e contra todos! Uma poesia minha, recente, publicada numa folha bem impressa, limpa, comemorativa de Camões, não obteve um olhar, um sorriso, um decidem, uma observação. Ninguém escreveu, ninguém falou, nem num noticiário, nem numa conversa comigo; ninguém disse bem, ninguém disse mal!

«Apenas um crítico espanhol chamava às chatezas dos seus patricios e dos meus colegas — pérolas — e afirmava — *fanfarrão!* — que os meus versos *«hacen malísima figura en aquellas páginas impregnadas de noble espíritu nacional»*.

«Tu mesmo, meu caro, enviando-me o teu poema tão fino e tão mimoso, e que embora não seja verdadeiro e justo psicologicamente e historicamente, é todavia, como poesia, um sublime desenho linear de

sentimento, tu mesmo, na dedicatória, pões expansões afectuosas, generosidades de estímulo; mas literariamente parece que Cesário Verde não existe.»

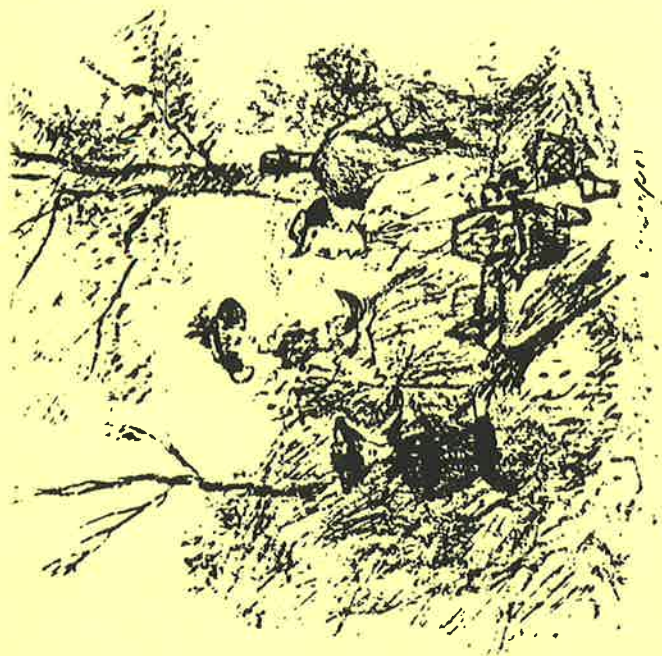
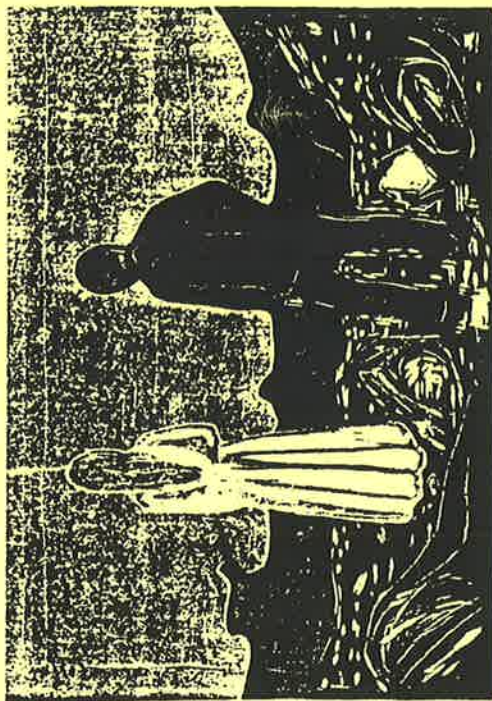
Comentários? Este, apenas: a poesia que «não obteve um olhar, um sorriso, um decidem, uma observação» é O Sentimento dum Ocidental.

Quanto ao resto, como concluiu apetece-me agora, sabem o quê? Estender o braço... estender um braço muito comprido pelo Passado dentro até o fundo da Morte... e lá pregar um valentíssimo par de gabeltas bem puxadas na caveira do tal crítico espanhol da «malísima figura»!

Que parvo!

José Gomes Ferreira

(in A Memória das Palavras ou o Gosto de Falar de Mim, Lisboa, Portugal, 1965)



De tarde

Naquele *pic-nic* de burguesas,
Houve uma coisa simplesmente bela,
E que, sem ter história nem grandezas,
Em todo o caso dava uma aguarela.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Foste colher, sem imposturas tolas,
A um granzol azul de grão-de-bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima duns penhascos,
Nós acampámos, inda o Sol se via;
E houve talhadas de melão, damascos,
E pão-de-ló molhado em malvasia.

Mas, todo púrpuro a sair da renda
Dos teus dois seios como duas rolas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas!